



## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A RELAÇÕES ENTRE ESPAÇOS, VIOLÊNCIA E VIVÊNCIA TRAVESTI NA CIDADE DE PONTA GROSSA – PARANÁ**

Vinicius Cabral<sup>1</sup>

Marcio Jose Ornat<sup>2</sup>

Joseli Maria Silva<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente trabalho busca relacionar o perfil da violência sofrido pelas travestis adultas, com as espacialidades vivenciadas por elas no município de Ponta Grossa - Paraná. Em nossa sociedade ocidental, todas as pessoas que não correspondem com as normas de gênero e sexualidades, acabam por ser marginalizadas, processo este ocorrido a partir de constrangimentos e violências, culminando muitas vezes em morte, ação ocorrida através do espaço urbano. Portanto, cabe a nós, pesquisadores, discutir estas temáticas, muitas vezes invisibilizadas pela produção científica.

**Palavras Chave:** Espaço Urbano; Travestis; Violência.

### **Introdução**

Na sociedade heteronormativa ocidental, aqueles que subvertem a ordem social binária estruturada entre homens e mulheres, são muitas vezes marginalizados. É neste contexto que o grupo das travestis acaba sofrendo uma vasta série de constrangimentos e violências, que podem culminar em morte, fenômeno este que compõem o espaço urbano, e que não obstante, é invisibilizado pela sociedade heteronormativa.

A convivência de aproximadamente quatro anos entre o Grupo de Estudos Territoriais e o grupo das travestis que sobrevive da atividade da prostituição em Ponta Grossa – Paraná, produziu um conjunto de doze entrevistas realizadas entre os anos de 2007 e 2008. É a partir deste conjunto de entrevistas que analisamos a relação entre o perfil

---

1 Grupo de Estudos Territoriais – GETE / Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) / Paraná.

2 Grupo de Estudos Territoriais – GETE / Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) / Paraná.

3 Grupo de Estudos Territoriais – GETE / Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) / Paraná.

das violências sofridas pelas travestis na fase adulta, aos espaços de vivência cotidiana travesti.

### **Sobre Silêncios, Espaço Urbano e Desvio da Norma**

Este trabalho tem por objetivo trazer uma reflexão sobre os espaços de violência da vivência travesti na cidade de Ponta Grossa - PR. Ao longo da construção do pensamento da ciência geográfica brasileira, determinadas temáticas foram invisibilizadas dentro deste campo do conhecimento. Estas temáticas, as quais não se encaixam no pensamento heterossexista da Geografia Brasileira, acabaram por ser marginalizadas como podemos observar em Silva (2009).

Assim, compartilhamos das ideias de Ornat (2008), quando este defende que a Geografia Feminista é um campo do saber que vem proporcionado visibilidade a determinados sujeitos que vêm sendo ignorados, como já discutimos acima. Nas palavras do autor,

Estas perspectivas ampliam a possibilidade de compreensão da ação humana sobre/através da superfície da Terra. Ampliam as possibilidades de sairmos de nossos pequenos mundos, estruturados a partir das nossas normas ocidentais de gênero e sexualidade, para um mundo repleto de diversidade e complexidade. (ORNAT, 2008, p. 320)

Em pesquisa realizada no banco de Teses da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior) e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (IBICT), mediante as palavras chaves “geografia, travestis e violência”, obtivemos como resultado a não existência de discussões no campo da Geografia, acerca da junção das temáticas que envolvam estas três palavras chave, e que são centrais no desenvolvimento de nossa reflexão.

Neste caminho, Cosgrove (2004) afirma que *a Geografia está em toda a parte*. Ou seja, não podemos ignorar as relações de espacialidade, até mesmo nos fenômenos como a violência e a morte. Para Corrêa (1995), o espaço é uma dimensão da sociedade, sendo reflexo e condição de reprodução desta mesma sociedade.

A nossa sociedade ocidental é caracterizada por Foucault (1988) enquanto sendo uma sociedade heteronormativa. Os sujeitos pertencentes a heteronormatividade, conforme Butler (2003), estão estruturados entre uma linearidade entre sexo, gênero e desejo. A mesma autora afirma que o gênero é:

a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser. (BUTLER. 2003, p. 59)

É através destes atos repetidos, que o gênero é naturalizado. No entanto, como afirmado por Silva (2009), analisando as discussões relacionadas as obras de Butler<sup>4</sup> (1990) e Rose<sup>5</sup> (1993), este caráter performático considera a não linearidade entre os termos sexo, gênero e desejo. Segundo a autora, a relação entre estes termos pode constituir uma complexidade sempre aberta, relação esta estabelecida a partir das vivências cotidianas dos grupos sociais, na sua conexão entre tempo e espaço.

Desta forma, gostaríamos de afirmar é que o espaço urbano, reflexo da sociedade heteronormativa, irá condicionar a reprodução desta mesma sociedade. A reprodução desta sociedade é feita através de inúmeros feixes de relações, sendo um deles o da violência contra aqueles que não se enquadram na ordem binária de gênero. Esta violência reproduzida pela sociedade pode ser observada através de três trechos retirados do livro “*Matei porque odeio gay*” de Mott e Cerqueira (2003).

“Hahahahaha... Arrase com os arrombados chupadores infiéis. Lugar de gatinha podre é no cemitério e podem por as leis que quiserem, as trichas foram, são e serão sempre motivos de piadas, de gozação e vão continuar apanhando na rua! Vão na polícia chorando, apanham do delegado; chegam em casa todo desmunhecados e apanham do pai que tem vergonha do filho marica. Eta gatinha imprestável e imoral!” Autor anônimo. (p.13?)

“Viado bom é viado morto! Morram bichas filhas da puta pervertidas. Não há lugar para bichas neste planeta ou melhor neste sistema solar. Aonde já se viu um barbado se ajoelhar e chupar um cacete de outro barbado e depois por no meio do cu????!!!!????!!!! Só matando esta gatinha baixa e suja!” Anônimo. (p.14?)

“Só matando! Bicha não presta para nada! Devemos eliminá-los da face da terra o mais rápido possível, ou ganharão mais espaço a cada dia e nossos filhos e netos pagarão caro. Chumbo nestas merdas!” Anti-Viado (p12?)

---

4 BUTLER, Judith. *Gender Trouble: feminism and the subversion of identity*. London: Routledge, 1990.

5 ROSE, Gillian. *Feminism & geography: the limits of geographic knowledge*. Cambridge? Polity Press, 1993.

Estes trechos nos mostram uma das formas que a sociedade heteronormativa, reproduz através do espaço urbano suas representações de homofobia, demonstrando basicamente o desejo da violência e morte aos homossexuais.

### As Manifestações de Violência contra as Travestis através do Espaço Urbano

No Brasil, a violência e o assassinato dos homossexuais vêm aumentando (como podemos ver no gráfico 1 abaixo). Tais violências que culmina em morte possuem uma ordem de dispersão espacial, neste caso usamos a ideia de Gomes (2009) quando este alega que a Geografia existe em qualquer fenômeno em que haja uma ordem de dispersão espacial. Assim, a Geografia destas violências será explorada nesta sessão.

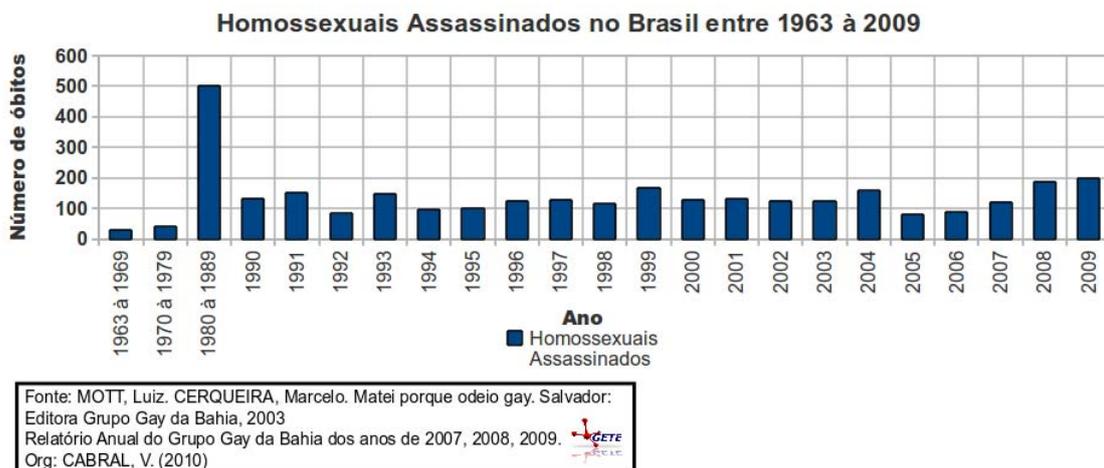


Gráfico 1

A violência contra homossexuais, é explorada na obra *Genderbashing: sexuality, gender, and the regulation of public space* de Namaster (1996 apud Silva 2009). Esta obra nós trás que a violência é diferenciada entre os grupos de gays, lésbicas e transgêneros<sup>6</sup>.

Para Silva (2009) o grupo das travestis é o mais vulnerável às violências como podemos observar.

Queremos chamar atenção para o fato de que as travestis sofrem maior violência e preconceito porque a marca da transgressão é nítida, visual e, portanto, afronta o poder heteronormativo, muito menos evidente no gay ou na lésbica. (SILVA, 2009,

6 Tradução de transgender, termo genérico para o contexto Anglófono, para se designar às “travestis” e transexuais

Este poder heteronormativo está inscrito no espaço urbano, como vimos no início do texto. Entretanto, as travestis subvertem este poder, com isto sofrendo uma série de constrangimentos e violências ao longo de sua construção identitária de gênero, como podemos observar em Silva (2009). A mesma autora aponta que os principais espaços interditos são as escolas, hospitais, clubes, danceterias, restaurantes, penitenciárias, delegacias de polícia, exército e igrejas. Através destes pressupostos, a definição de violência que melhor se enquadra para esta análise é a da Organização Mundial da Saúde – OMS, que define violência enquanto,

O uso intencional da força física ou poder, ameaça ou real, contra si mesmo, outra pessoa, ou contra um grupo ou comunidade, que resulte em ou tenha alta probabilidade de resultando em lesão, morte, dano psicológico ou privação. (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2002, p. 4)

A violência para a Organização Mundial da Saúde, apresenta-se estruturada sobre quatro categorias de violência sendo elas, a física, correspondente a toda manifestação com o objetivo de ferir; violência psicológica, caracterizada pela humilhação, desrespeito, rejeição, entre outros; violência sexual, quando o agressor abusa de seu poder sobre a vítima na obtenção da gratificação sexual, sem o consentimento da vítima; e negligência, que é a omissão do responsável em proporcionar as necessidades básicas de seu dependente.

A construção da identidade travesti é fortemente marcada por todas estas categorias de violências, como vimos acima. Muito pelo fato da marca da transgressão ser nítida, estas violências vão ocorrer sob diferentes manifestações através do espaço. Com isto, temos que a violência sofrida pelas travestis é reflexo do espaço heteronormativo, da mesma forma que a espacialidade condiciona o tipo de violência.

No Brasil, a ordem de dispersão espacial da violência que culmina em morte das travestis, está fortemente relacionada a ocupação das travestis, pois como restam poucas oportunidades de sobrevivência, a maioria acaba tendo como única saída ter que sobreviver da prostituição. Através desta relação de exclusão por parte da sociedade, e da apropriação espacial, as travestis que se prostituem estão numa posição de vulnerabilidade pois

'batalham'<sup>7</sup> na rua em sua grande maioria, como é evidenciado nos gráficos 2 e 3, abaixo.

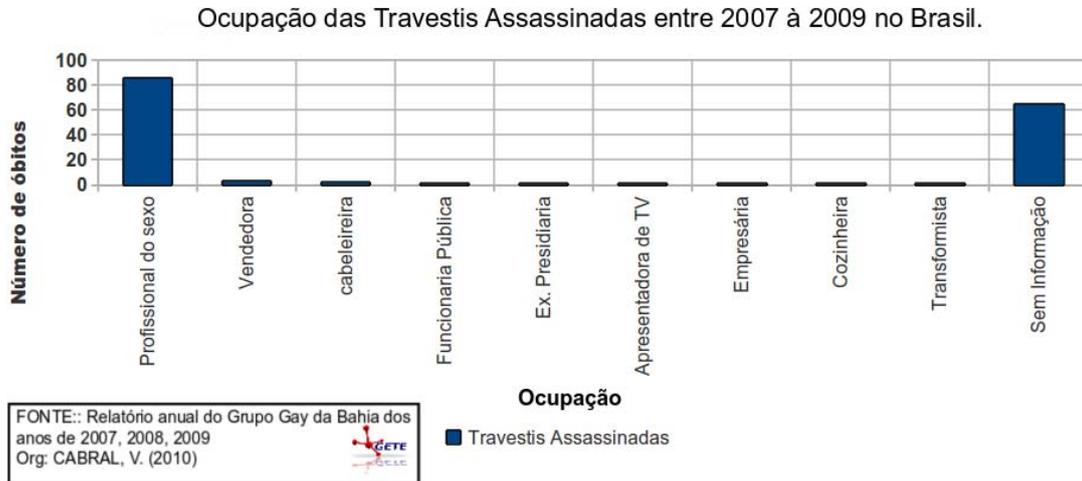


Gráfico 2

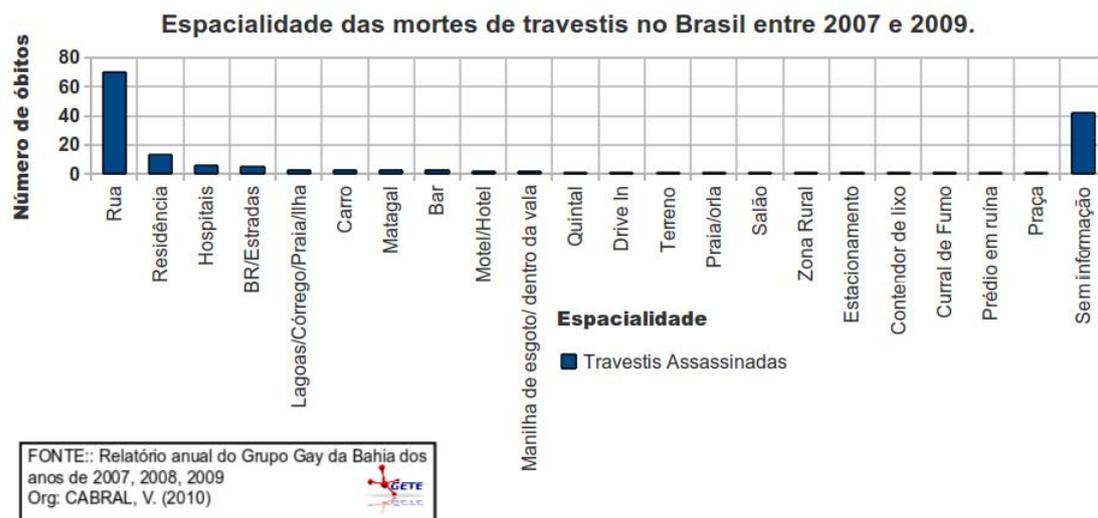


Gráfico 3

Este fenômeno espacial da violência, que culmina em morte das travestis é marcado pela *causa mortis*, que esta diretamente associada a espacialidade do crime, pois a espacialidade irá definir o *modus operandi* do homicida.

Como visto no gráfico acima, a principal espacialidade em que ocorrem os assassinatos das travestis é a rua/território. Como existem fluxos de pessoas, os homicidas utilizam armas de fogo, para a execução ser rápida. Entretanto, em outras espacialidades em que não há fluxo de pessoas, e o homicida está sozinho com a vítima, o *modus*

7 O termo batalhar, dentro do grupo que se prostituí, corresponde ao ato da prostituição.

operandi do assassino faz que a *causa mortis* seja muito violenta, repleta de tortura física e psicológica. Como o gráfico 4 abaixo sobre a causa mortis, associado ao da espacialidade das mortes, torna possível esta reflexão.

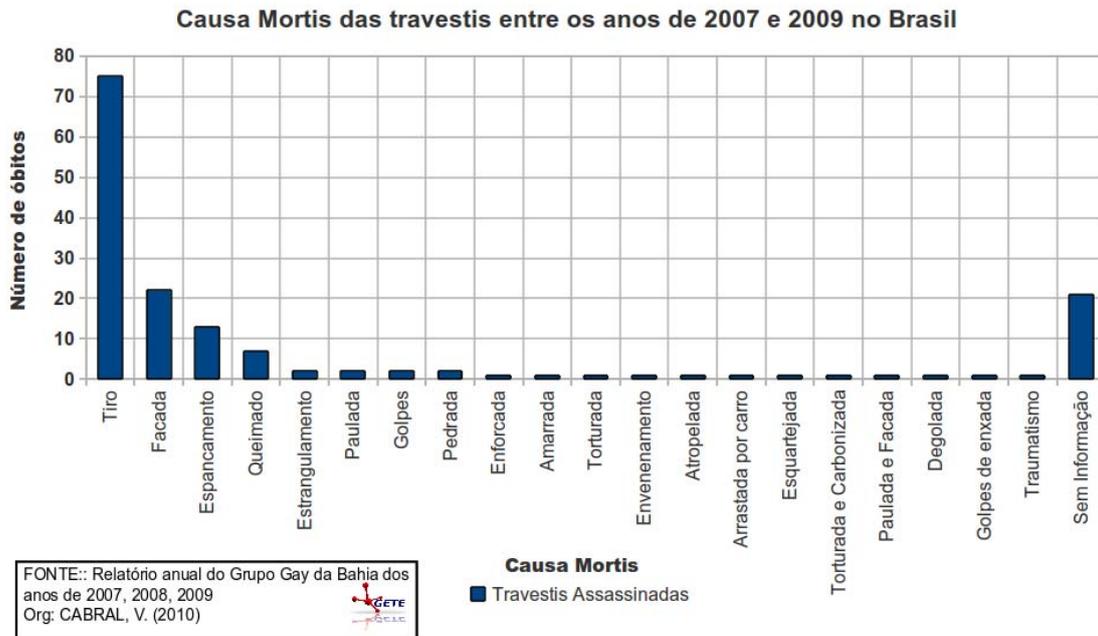


Gráfico 4

Estas dinâmicas de violência apontadas acima possuem uma escala espacial, o Brasil. Quando mudamos a escala, nos elementos surgem nesta compreensão, pois como observado em Castro (2000):

quando o tamanho muda, as coisas mudam, o que não é pouco, pois tão importante saber que as coisas mudam com o tamanho, é saber como elas mudam, quais os novos conteúdos nas novas dimensões. (CASTRO, 1995, p.137)

Através da afirmação de Castro (1995), buscamos explorar os novos conteúdos da nova escala, a escala referente a cidade de Ponta Grossa – PR. Nesta escala o nosso grupo focal são doze travestis que possuem entre 21 e 48 anos, e tem como ocupação a prostituição, e que concederam<sup>8</sup> suas entrevistas no ano de 2007 e 2008.

De um total de 14 horas de entrevistas, que tinha por objetivo compreender a

8 Pesquisador Marcio Ornat.

constituição da identidade travesti e a lógica de funcionamento do território da prostituição travesti, foram observados um total de 89 evocações relacionadas a questão da violência na fase adulta, sendo que deste total de evocações, 94,4% relacionadas a violência presente no território da prostituição travesti (exploraremos acerca desta espacialidade mais adiante) e das 5,6% restantes sobre a violência presente em instituições, como podemos observar no gráfico 5 abaixo.

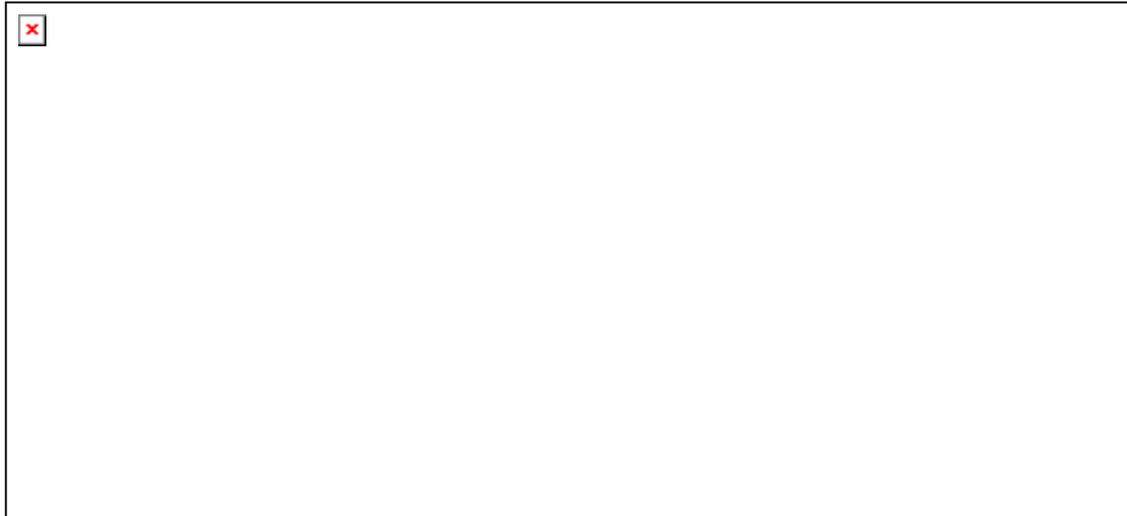


Gráfico 5

A violência presente em instituições, é reflexo do poder heteronormativo inscrito naquela especialidade. Podemos observar esta violência através dos dois trechos paradigmáticos, abaixo.

Ali (cita o nome da instituição) me apresentaram uma psicóloga, e ai essa psicóloga praticamente deturpou minha mente. Aquilo que já era para mim convicção, convicção do que eu queria ser, se tornou na minha mente um conflito.(...) Não seja travesti, seja homem, se eu mudei, você pode mudar. Só que comprei uma briga grande com isso. Sai da rua por noventa dias. Foi o tempo que eu consegui viver com esta convicção na minha cabeça. Três meses depois tava eu novamente na esquina porque era o que eu queria ser, travesti. Não adiantava eu trabalhar, e não ser aquilo que eu queria ser. (Acervo Documental GETE. Entrevista Realizada por Marcio Ornat em 1 de fevereiro de 2007.)

ela faleceu porque o (cita o nome do hospital) na época era tipo um projeto de hospital, e daí nenhum hospital quis atender ela, porque ela teve derrame cerebral. E justamente por ser homossexual e por ser travesti assumida. Ela morreu por falta de assistência. (Acervo Documental GETE. Entrevista Realizada por Marcio Ornat em 15 de março de 2007.)

Concluindo neste primeiro momento, as travestis adultas sofrem em certas

instituições violências, que deturpam suas identidades de gênero e algumas outras, como a negligência, que podem culminar em morte, no intuito de 'reforçar' a ordem binária da sociedade ocidental.

### **O Território da Prostituição Travesti na cidade de Ponta Grossa: Uma Análise Sobre Violência**

A vivência das travestis, através do território da prostituição travesti, aparece enquanto um local pelas quais estas desenvolvem um sentimento, como podemos observar no trecho paradigmático abaixo:

É que lá eu me realizo como tudo. Lá eu consigo ser a mulher que a minha vida inteira eu quis ser, lá que eu me realizo, por mais que a gente seja profissional lá, é lá que a gente se realiza sexualmente e amorosamente, tudo.(Acervo Documental GETE. Entrevista Realizada por Marcio Ornat em 20 de março de 2007.)

Paradoxalmente, o território é a espacialidade que possui mais evocações sobre violência. Através do território da prostituição, podemos observar que das 84 evocações sobre violência que correspondentem a esta espacialidade, 35.7 % estão presentes na relação entre as travestis, 13.1% na relação entre as travestis e clientes, 15.5% na relação das travestis com policiais, 27.4% na relação entre transeuntes e as travestis, e 8.3% na relação entre as travestis e moradores de áreas próximas as áreas de prostituição, como podemos evidenciar no gráfico 6, abaixo.

## Evocações sobre os sujeitos produtores de violência na relação entre as travestis

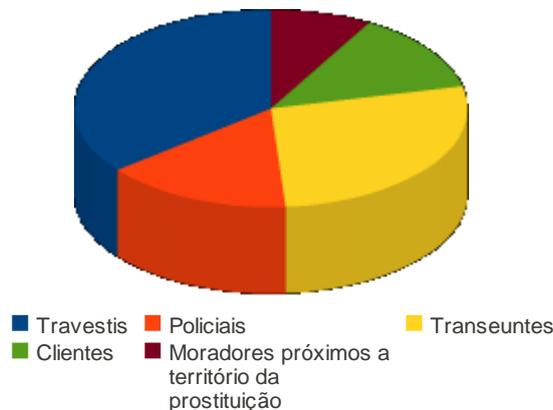


Gráfico 6

Cada um destes grupos possui uma relação diferente, no território com as travestis, a qual vamos explorar nesta seção.

A relação entre as travestis, através do território, às vezes é marcada pela violência física, pois das 30 evocações, 63,3% se referem a violência física e 36,7% a violência psicológica. Tal violência é cometida na conquista e manutenção do território da prostituição, como constatamos na fala de uma das depoentes.

A pancadaria, partir para a agressão física mesmo é mais por território, ou a fofoca tem que ser muito quente, tem que ser uma falação muito assim... no geral é mais bate-boca, e uma vira a cara pra outra. A gente fica uma semana de cara virada, daqui a pouco volta. (Acervo Documental GETE. Entrevista Realizada por Marcio Ornat em 1 de fevereiro de 2007.)

ai ela não venceu a luta, ela apanhou. E foi o que fez eu ficar. (no território da prostituição) (Acervo Documental GETE. Entrevista Realizada por Marcio Ornat em 1 de fevereiro de 2007.)

Estes trechos demonstram que os conflitos entre as travestis, não possuem como objetivo a morte da outra travesti. Então, a relação de violência entre as travestis é basicamente para a conquista e/ou manutenção do território da prostituição.

Quando a relação estabelecida refere-se entre travestis e clientes, esta é fortemente marcada pela presença de arma de fogo. Do total de 11 evocações sobre a violência cometida por clientes, 63,6% delas estão ligadas ao uso de arma por parte do cliente. O uso de arma de fogo pelo cliente lhe confere uma posição de centralidade, tornando a travesti periférica na relação. Com isto, a travesti está vulnerável aos abusos do cliente,

sejam eles físicos, psicológicos e sexuais. Podemos evidenciar estas relações em dois trechos paradigmáticos a seguir.

Teve uma vez que eu peguei um programa com um cara, de uma Besta, e eu não olhei dentro da Besta, pensei que só tinha ele. Só que quando eu entrei no carro tinham seis caras. Eles taparam a minha boca, me jogaram para trás, um estava com uma faca, outro com um revólver, eles falaram que eu ia fazer tudo que eles quisessem, porque se eu não fizesse o que eles queriam, eles iam me jogar ali mesmo (...) Daí eu peguei e fiz, dei para todos eles, fiz tudo que eles queria (...) Daí me jogaram perto do Santa Terezinha. (...) (Acervo Documental GETE. Entrevista Realizada por Marcio Ornat em 3 de abril de 2007.)

Eu já usei maconha, mas isso foi início de carreira, através de um cliente, me obrigou, colocou revólver na cabeça e tudo, entendeu. Aí fumei, vi qual que era a sensação e não gostei (Acervo Documental GETE. Entrevista Realizada por Marcio Ornat em 1 de fevereiro de 2007.)

Outro grupo que se relaciona com as travestis são os policiais. De um total de 13 evocações, 69,2% delas estão relacionadas a violência física, e os outros 30,8% à violência psicológica. Podemos perceber que alguns policiais usam do seu discurso de autoridade para constranger as travestis através do território, como é possível notar nos trechos de entrevista abaixo.

Aqui é dependendo de você conhecer as pessoas, da policia, porque tem muitos que são ruins. Descem batendo, com a arma na mão. Já chegam apontando. Eu acho errado, porque você não tá fazendo nada de errado. Como que vão apontando a arma. Não é deste tipo que vão endireitar alguma coisa. (Acervo Documental GETE. Entrevista Realizada por Marcio Ornat em 15 de março de 2007.)

Tem policiais que passam sem uniforme desacatar a gente, pra depois voltar quando tiver uniformizado, de serviço, cobrar pelo desacato, porque obviamente falou qualquer besteira para mim na esquina, eu vou retornar. Eu jamais vou abaixar a minha cabeça e ficar quieta, que eu tenho meu espaço, eu conquistei meu espaço, eu tenho meu espaço dentro da sociedade, não sou um animal, não sou um bicho. Então eu não admito o pessoal passar me xingando, passar me insultando, eu respondo a altura. (Acervo Documental GETE. Entrevista Realizada por Marcio Ornat em 1 de fevereiro de 2007.)

Na relação entre os transeuntes e as travestis, 23 evocações referem-se a violência, sendo que 60,9% delas estão vinculadas a violência física e 39,1% vinculadas a violência psicológica. Estas violências acontecem quando as travestis estão 'batalhando' no território, e a agressão parte do transeunte. Assim, observemos os trechos paradigmáticos abaixo:

Toda vida teve agressão, no começo era difícil. Agora por último que tão terrível demais com elas. Mas sempre principalmente final de semana, que o povo sai tudo dali. Então sai aquelas gangues pra pegar a gente, pra roubar, pra perturbar

muito o sossego das coitadas. (Acervo Documental GETE. Entrevista Realizada por Marcio Ornat em 15 de março de 2007.)

Esses dias, um cara preconceituoso passou e gritou: *traveco, seu homão!* Eu falei: *com certeza meu anjo, eu sou o homem mais bonito que você já viu na tua frente!* (Acervo Documental GETE. Entrevista Realizada por Marcio Ornat em 1 de fevereiro de 2007.)

Ela passou jogando pedra, e não passou uma vez só. Ai o pessoal do hotel central chamou a policia para mim, eu nem sabia que eles haviam chamado a polícia. Mas chamaram a policia para me defender. Eu não conheço eles, mas eles viam o meu tipo. Eu tava na boa, discreta, nunca faço escândalo. Eu fico quieta, o meu negócio é ir para a esquina, ganhar dinheiro e vir embora. Não vou para gritar, não vou para fazer escândalo, não vou para mostrar peito e nem bunda, o meu negócio é ir, ganhar meu dinheiro e voltar embora, esta é a minha vida. (sobre uma mulher que passava pelo território), (Acervo Documental GETE. Entrevista Realizada por Marcio Ornat em 20 de março de 2007.)

Na relação entre as travestis e moradores vizinhos às áreas de prostituição, observamos 7 evocações ligadas as relações de violência, sendo que 42,9% estão ligas a violência física e 57,1% a violência psicológica, estas violências surgem de moradores que não aceitam as travestis próximo à suas moradas, e com isto buscam conflitos para tirar as travestis daquela espacialidade, como podemos observar no trecho paradigmático abaixo.

Com os moradores era mais ou menos. Eles xingavam e falavam: não tem vergonha. Só uma vez com um que queria que eu saísse de lá, pegou o revolver, mas no geral era só verbal. (Acervo Documental GETE. Entrevista Realizada por Marcio Ornat em 24 de fevereiro de 2007.)

Na relação de aceitação das travestis que 'batalham', de um total de 14 horas de entrevistas, apenas uma única evocação de aceitação de moradores próximos as áreas de prostituição foi encontrada, como podemos observar abaixo.

Só que a minha relação até por eu não ser uma pessoa que faz escândalo, que fica gritando, que fica berrando, não me visto tão pelada assim, desde o primeiro dia em que eles me viram ali eles me trataram bem. Os vizinhos de baixo também. Os que não fala comigo são neutros assim. Ou eles passam e fazem que eu não estou ali, ou cumprimentam, perguntam se esta tudo bem. Aconteceu uma vez do (cita o nome), estar saindo com a filha dele, e a neta dele, e eu me sentir mal de estar ali, porque eu estou na frente da casa dele, né. Quem esta incomodando sou eu. Então eu peguei e me afastei. Ai ele desceu e falou: boa noite. Eu falei: boa noite. Daí ele falou assim pra mim: olhe moça, você pode ficar tranquila aqui, pode voltar para a esquina que não faz mal. Eu gostei disso. (...). (Acervo Documental GETE. Entrevista Realizada por Marcio Ornat em 20 de março de 2007.)

O fenômeno da violência contra as travestis na cidade de Ponta Grossa – Paraná, é constituído por várias relações entre sujeitos e as travestis, através do espaço. Podemos

constar que o espaço heteronormativo produz violência contra quem subverte a ordem binária de gênero. Assim, estes espaços acabam se tornando espaços interditos da vivência travesti. Desta mesma forma, o tipo de violência condicionado pelo espaço, depende também do sujeito, e da posição dele perante a travesti. A posição periférica das travestis em certas relações torna elas muito veraneável, podendo em certas ocasiões de violência levar a morte da mesma.

## Conclusão

A ausência de estudos científicos no Brasil, acerca das temáticas de violências sofridas pelas travestis, através do espaço, é reflexo de só mais um feixe de relações, do poder heteronormativo. Este poder é tido ainda enquanto um dogma, por parte de muitos cientistas que não se atrevem a questionar tais pressupostos, e assim optam por um olhar heterossexista na academia, que irá condicionar/reforçar a sociedade a um olhar naturalizado da lógica binária dos gêneros. Os mesmos intelectuais que aceitam tal poder, são os que violentam, invisibilizam e marginalizam tais estudos que subvertem a lógica dos estudos heterossexistas. Estes estudos tem como objetivo visibilizar a pluralidade de possibilidades de gênero, negada pela sociedade ocidental.

Não obstante, tal fenômeno de marginalização é observado na organização da sociedade ocidental. Como visto nesta discussão, esta marginalização daqueles que fogem da norma, por parte da sociedade ocidental, estruturada na dualidade de gênero, faz da vivência travesti, uma vivência repleta de exclusão das mais diversas espacialidades, restringindo a vivência das travestis a um pequeno número de espacialidades, as quais possibilitam identidades de gênero para além da noção bipolarizada, estruturada e naturalizada.

No entanto, algumas das espacialidades que possibilitam a vivência das travestis, fruto de uma apropriação espacial do grupo, como é o caso do território da prostituição, possuem fluxos de pessoas, e algumas destes usam de sua posição de centralidade, seja pelo fato de porte de arma de fogo, ou de discurso de autoridade, ou constroem as travestis através de atitudes como ofensas ou ameaças.

Podemos concluir que se o espaço urbano é uma dimensão da sociedade, ela está estruturado em dois gêneros, o homem e a mulher. Logo, este espaço heteronormativo

reflete suas manifestações para aqueles que não se enquadram na norma binária do gênero, através de feixes de relações como a invisibilidade e a violência. Da mesma forma que estas violências, e assim suas categorias (física, psicológica, sexual e negligencia), são constrangidas pela espacialidade e a posição do sujeito na relação de poder.

## Referências

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTRO, Iná Elias de. O Problema da Escala. In: CASTRO, I.E; GOMES, P.C da C; CORRÊA, R.L. **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1995, p.117-140.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1995

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GOSGROVE, Denis. A Geografia Está em Toda Parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. In: CORRÊA,R.L; ROSENDALL,Z. **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro, Editora LERJ, 2004

GOMES, Paulo Cesar da Costa. Um Lugar para a Geografia: Contra o Simples, o Banal e o Doutrinário. In: MENDONÇA,F.A; LOWEN-SAHR.C.L; SILVA.M. **Espaço e Tempo: Complexidades e Desafios do Pensar e do Fazer Geográfico**. Curitiba, Associação de Defesa do Meio Ambiente e Desenvolvimento de Antonina (ADEMADAN), 2009.

MOTT, Luiz; CERQUEIRA, Marcelo. **Matei porque odeio gay**. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2003

Organização Mundial da Saúde, **World report on violence and health: summary**. Geneva, World Health Organization, 2002. Disponível em: [http://www.who.int/violence\\_injury\\_prevention/violence/world\\_report/en/summary\\_en.pdf](http://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_report/en/summary_en.pdf). Acesso em: 14 ago. 2010.

ORNAT, Marcio Jose. Sobre Espaço e Gênero, Sexualidade e Geografia Feminista. In: **Revista Terr@ Plural**. Vol. 2, n°2, p. 309-322, Ago/Dez, 2008.

SILVA, Joseli Maria. A Cidade dos Corpos Transgressores da Heteronormatividade. In: Silva, J.M. (Org.). **Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidade**. Ponta Grossa: Editora Toda Palavra, 2009.

\_\_\_\_\_. Ausências e Silêncios do discurso geográfico brasileiro: uma crítica feminista à geografia eurocêntrica. In: Silva, J.M. (Org.). **Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidade**. Ponta Grossa: Editora Toda Palavra, 2009.



**II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES**  
**Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares**  
**28, 29 e 30 de abril de 2011**  
**MARINGÁ - PR**



ISSN 2177-1111  
[www.sies.uem.br](http://www.sies.uem.br)

\_\_\_\_\_. Geografia, Gênero e Sexualidades: A Experiência Travesti.. In: **III COLÓQUIO NACIONAL DO NÚCLEO DE ESTUDOS EM ESPAÇOS E REPRESENTAÇÕES – NEER**, Porto Velho, 1 à 6 de novembro 2009 ( no prelo)